

O ato de linguagem segundo a Semiolinguística: implicações, explicações e aplicações práticas

Ida Lucia Machado^a

Resumo

*Neste artigo, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre um dos conceitos importantes da Semiolinguística de P. Charaudeau, teoria que utilizamos em corpora diversos há mais de 20 anos. Iremos discorrer sobre o que o teórico nomeia ato de linguagem, suas implicações e aplicações práticas. Para tanto, ilustraremos nossos ditos com enunciados extraídos do livro *Esquisse pour une auto-analyse* (2004), do sociólogo Pierre Bourdieu. Escolhemos escritos desse autor, justamente nesse livro, pois eles se integram, de certa maneira, às nossas pesquisas atuais sobre análise do discurso e narrativas de vida. A análise do discurso proposta por Charaudeau, além disso, carrega em si uma interface com a sociologia. Nosso objetivo é mostrar como conceitos vindos da Semiolinguística são importantes e práticos, ao permitir a realização de possíveis interpretativos de diferentes escritos.*

Palavras-chave: *Semiolinguística; ato de linguagem; narrativa de vida.*

Recebido em: 15/03/2019.

Aceito em: 25/07/2019.

^a Professora da Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. E-mail: idaluz@hotmail.fr.

Na vida existem pessoas, seres humanos ou indivíduos que trabalham, pensam, sonham, refletem, enfim: vivem. Cada um com sua identidade, seus problemas e suas alegrias, seus defeitos e suas qualidades. Quando um desses indivíduos toma a palavra – nem que seja para dar um simples *bom-dia*, dirigindo-a a um outro –, ele se torna um *sujeito de palavra*, *sujeito linguageiro* ou simplesmente *sujeito da comunicação*. É desse sujeito ou é sobre esse sujeito e seus desdobramentos que trata a Semiologia, análise do discurso criada e colocada em cena por Charaudeau a partir de 1983.

A teoria de Charaudeau é também por nós conhecida, sobretudo no Brasil e na América Latina, como Semiologia. Por ser nomeada, às vezes, como a teoria do discurso que trata dos *sujeitos da linguagem*, no início de sua aparição nos Trópicos, foi olhada com curiosidade por alguns colegas analistas do discurso seguidores fiéis das ideias de Pêcheux ou Foucault, nos quais a grande preocupação centrava-se nas ideologias coletivas, e não acharam adequado que a análise do discurso se preocupasse em destacar um sujeito atuante na comunicação. Problemas de comunicação ou receio de algo novo que estava surgindo? Pouco importa: o principal é que a Semiologia, atualmente, conta com vários seguidores em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em várias partes do Brasil e têm ajudado a produzir novas e instigantes investigações no campo da análise do discurso e em outros, que lhe são afins.

Gostaríamos, no presente artigo, de comentar alguns pontos dessa teoria. Começamos, pois, tentando explicar ao leitor como vemos o conceito de *ato de linguagem*, sintagma que substitui a palavra “enunciado”, criado por Charaudeau (1983). Em seguida, analisaremos alguns atos de linguagem enunciados por Bourdieu (2001), retirados do livro *Esquisse pour une auto-analyse* (2004).

Ainda que do supracitado sociólogo tomemos apenas alguns *atos de linguagem* para ilustrar a concepção charaudiana do discurso, acreditamos ser necessário explicitar o porquê da presença de tal livro, por ele escrito, nesse artigo. Já há algum tempo, pesquisamos as narrativas de vida sob o prisma da Semiologia: não apenas o que é dito por autores diversos em biografias, autobiografias, gêneros já consagrados, mas também o que podemos entrever de *narrativas de si* em prefácios de livros, ensaios, entrevistas e na conversação oral, ou seja,

toda a vez que um ser falante, mesmo em um contexto diferente daquele dos livros autobiográficos, fala um pouco de si. Logo uma *autoanálise*, como propõe Bourdieu, parece-nos ser um exercício de escrita diferente dos demais, detentor de muitas histórias do universo daquele que tenta realizá-la.

Ao propor este artigo, temos como objetivo mostrar como a teoria Semiolinguística possui um instrumental prático que pode ser aplicado para a obtenção de diversos possíveis interpretativos, dos ditos e não ditos encontrados em diferentes *corpora*.

1. Breves explicações sobre o ato de linguagem

Graças a Charaudeau e ao seu quadro enunciativo que aparece pela primeira vez no livro *Langages et discours* (CHARAUDEAU, 1983, p. 46), entramos em contato com esse *eu languageiro* ou *sujeito de linguagem* que, ao exprimir seus enunciados, passa de indivíduo ou *sujeito-comunicante* possuidor de uma vida fora da linguagem a *sujeito-enunciador*. Este, por sua vez, ao usar a palavra, dirige-se a um *tu-ideal*, um *tu-imaginário* (no caso da comunicação escrita) ou então a um *sujeito-destinatário* preciso (no caso da comunicação oral). Se tudo se passar bem, se o enunciado enviado ao outro – no caso, o sujeito que o interpretará o *eu-interpretante* (tal como Charaudeau o nomeia em seus primeiros escritos, tais como os de 1983) for mais ou menos aceito, o circuito da comunicação estará operando-se. No discurso oral, se tal não acontecer, o sujeito-enunciador sempre poderá retificar/modificar seu enunciado para que seu propósito seja compreendido.

Trata-se de algo bem evidente e que nos acontece todos os dias. Queremos afirmar com isso que o mais interessante dessa análise do discurso é o fato dela não se cristalizar em evidências languageiras – algo como: “é isso e pronto!”. Ao contrário, ela interpela tais “evidências”, disseca-as, tenta perceber o *como* e o *porquê* de seu funcionamento para melhor entender o fenômeno da comunicação, não apenas o da comunicação oral, mas também o da comunicação escrita e em todas as formas por meio das quais o fenômeno pode ocorrer: gestos, símbolos, desenhos, entre outros.

A nosso ver, a teoria Semiológica, entre outras qualidades, teve o cuidado de esmiuçar e expor, de forma bem clara, um conceito de Benveniste (1966, p. 258-266), conceito este que sempre acompanha quem se lança nos estudos discursivos: o da subjetividade inserida na linguagem, ou seja, a capacidade comum a todo indivíduo de posicionar-se como “eu” e expressar sua subjetividade. Charaudeau (1983), ao propor um sujeito-falante ou sujeito-linguagiero em seu quadro enunciativo nele inclui um tu-destinatário, que sempre acompanha o “eu” do enunciador.

Recapitulando, para a Semiologia, os discursos são realizados por sujeitos-linguagieros, que mantêm, em suas bases, duas identidades: uma sociológica ou psicossocial, e outra que é o resultado das particularidades do discurso e foi por este construída. Para a teoria em pauta, todo ato de linguagem está na dependência de um sujeito que é (ao mesmo tempo) interno e externo à linguagem. Essa dupla posição é realizada por meio de um jogo de correspondências que, na verdade, é um jogo de simulação, ou melhor dizendo, uma encenação.

Charaudeau (1983, p.20) sintetiza tudo o que foi dito em uma simples e prática sinopse, que aqui voltamos a lembrar (MACHADO, 2001, 2005, 2014, 2016):

$$A \text{ de } L = (\text{Explícito} + \text{Implícito}) \text{ C de } D$$

No caso, *A de L* é uma abreviação para ato de linguagem. O sentido de um ato de linguagem (um enunciado) deve ser procurado não apenas na sua configuração verbal, aparente e imediata, mas também no jogo que se estabelece entre tal configuração e seu sentido implícito, sentido este que vai depender da relação dos parceiros do ato de linguagem entre si e de sua relação com as *C de D*, ou seja, com as circunstâncias discursivas, que levam tal ato a ser configurado desse modo e não daquele outro.

O explícito deve ser visto como símbolo de uma atividade estrutural da linguagem, a saber, como uma simbolização referencial, segundo Charaudeau (1983, p.17). Na tentativa de melhor elucidar o que foi dito até agora, retomamos uma afirmação por nós feita, há alguns anos:

Tentemos ilustrar o que foi dito com um exemplo, um enunciado bem resumido como “Beijinho!” Mesmo fora de um contexto, esse enunciado (ou micro ato de linguagem) terá um certo sentido, na medida em que será diferente de “Mordida!” ou “Me dê um beijinho!”, etc. É possível estabelecer várias paráfrases a partir enunciado “Beijinho!” Estamos assim estabelecendo um jogo linguageiro de reconhecimento semântico. Ora, esse jogo constrói sentidos que nos remetem à realidade, ou seja: ao pedir um “Beijinho!” para alguém, estamos estabelecendo um ato de simbolização referencial: estamos nomeando uma coisa em vez de nomearmos outra. (MACHADO, 2005, p.26-27)

Ainda na publicação supracitada afirmamos que

[o] implícito, sempre segundo Charaudeau (ib.) é bastante ligado à significação de um ato de linguagem. Retomando [o ato de linguagem] “Beijinho!” e levando em conta suas circunstâncias de produção (o *hic et nunc*), podemos imaginar que quem enuncia tal produção linguageira está querendo dizer ou fazer entender ao seu interlocutor várias coisas, entre elas: (i) “Quero que você me beije agora”; (ii) “Eu fiz um favor para você então mereço ganhar um beijo”; (iii) “Você vai embora sem se despedir de mim? Que pouco caso é esse?” [...] várias paráfrases seriais são possíveis [...]. O implícito e o explícito são ainda compatíveis, pois o sujeito-enunciador poderia reuni-los: “Me dê um beijinho antes de sair: que pouco caso é esse?” (MACHADO, 2005, P. 26-27)

De todo modo, o ato de linguagem deve ser visto como um ato comunicativo, em que o “eu”, ser de fala ou de escrita, se dirige a um “tu”, em determinado local, hora e situação, ato esse carregado de intenções e motivado por uma visada de influência.

Assim, o ato de linguagem (a) “Isso não é uma autobiografia”¹ (BOURDIEU, 2004, p.5), que aparece à guisa de epígrafe no já citado livro do sociólogo francês, constitui uma boa ilustração para o que foi dito. Temos, na parte explícita, um enunciado que previne o leitor de o conteúdo do livro não tratar da autobiografia de seu autor (Bourdieu).

A parte explícita de tal ato de linguagem mostra-nos a presença da ironia. Efetivamente, “Isso não é uma autobiografia” leva-nos imediatamente a outro ato de linguagem célebre e bastante conhecido, vindo de um quadro do pintor belga Magritte (1929): “Ceci n’est pas une pipe” ou, traduzindo, “Isso não é um cachimbo”, título dado por ele à representação pictural de um cachimbo. Magritte ironiza quem olha seu quadro e pensa, de forma ingênua “Mas, por que ele diz isso,

¹ Tradução nossa do original: “Ceci n’est pas une autobiographie” (BOURDIEU, 2004, p. 5)

se, diante de meus olhos, está a pintura de um cachimbo?” A pintura, a representação sim, mas não o objeto concreto.

A ironia serve-se muito da polifonia. No caso da epígrafe supracitada, Bourdieu faz entrar a “voz” de um outro na sua, as duas se confundem, mas fica evidente o desejo de mostrar o jogo irônico exposto nessa apropriação da voz do outro. Como diz Bakhtin (1970, p.256), a palavra do outro, usada em um contexto distinto, assume uma característica de *palavra com duas vozes*, ou seja, ela torna-se *bivocal*, fruto de uma troca dialógica. A ironia instala-se nesses jogos, no caso, nessa piscadela que o autor francês fez ao pintor belga. Assim, o conteúdo do livro deverá seguir, *a priori*, o desejo do autor ou sujeito-comunicante, o de formular uma autoanálise; mas, nesse seu esforço para não cair na narrativa autobiográfica, Bourdieu acaba cedendo aqui e ali ao gênero que nitidamente mostra não apreciar: “Não tenho a intenção de me sacrificar a esse gênero, sobre o qual disse tantas vezes como ele era conveniente e ilusório”.²

Mas... ironia da palavra escrita, por vezes ele parece ceder a tal ilusão. Senão, como explicar, por exemplo, a inusitada presença da figura materna (BOURDIEU, 2004, p. 112) em meio a escritos que queriam traçar apenas as grandes linhas da carreira de um homem sob o prisma da Sociologia? Por isso mesmo, acreditamos que o ato de linguagem que compõe a epígrafe, por conter uma palavra *bivocal* (e irônica), é realmente uma peça necessária no livro, em que o autor parece hesitar e deixa subentendido (no implícito do *ato*): “eu desejo [mas não desejo] falar de mim, como pessoa”. É nessa contradição que a ironia se introduz.

2. Implicações causadas pelo conceito de ato de linguagem

Neste segmento, queremos indicar algumas consequências acarretadas ou produzidas pelo ato de linguagem, semiologicamente falando, por meio da interpretação de alguns dos atos de nosso *corpus*, o livro no qual Bourdieu faz sua autoanálise. Esclarecemos ainda que tomaremos, de forma indiferente, como atos de linguagem tanto um enunciado isolado (como o da epígrafe) quanto uma reunião de enunciados: no último caso, iremos considerá-los macros-atos-de-linguagem. Vejamo-los:

² Nossa tradução do original: “Je n’ai pas l’intention de sacrifier au genre, dont j’ai assez dit combien il était à la fois convenu et illusoire.” (BOURDIEU, 2004, p.11)

(b) Compreender significa em primeiro lugar compreender o campo [de estudos] dentro do qual e contra o qual a gente se faz. Eis porque, ainda que correndo o risco de surpreender algum leitor que esteja talvez esperando me ver começar pelo começo, isto é, por uma evocação de meus primeiros anos e do universo social de minha infância, devo, para seguir a metodologia adequada, examinar antes de tudo o estado do campo no momento em que eu nele entrei, por volta dos anos cinquenta.³

(c) A *khâgne* era o lugar produtor da ambição intelectual à moda francesa em sua forma mais grandiosa, isto é, a filosófica.⁴

(d) Enfim, retrospectivamente, compreendi que eu tinha entrado na sociologia e na etnologia, por uma recusa profunda do ponto de vista escolástico, princípio de uma elevação, de uma distância social, na qual nunca pude me sentir à vontade, e que, sem dúvida prepara a relação com o mundo associada a certas origens sociais.⁵

No ato de linguagem (b), vemos algo para corroborar com o que Charaudeau diz a respeito das paráfrases seriais desencadeadas por tal ato. Como “compreender algo ou alguém” pode dar origem a várias dessas paráfrases, o sujeito-enunciador faz logo questão de anunciar aquela que deve ser seguida, para melhor entender o que ele escreve: compreender algo, para Bourdieu, implica compreender o domínio de estudos que nos levaram a ser o que hoje somos, bem como os estudos que deixamos de lado para abraçar outros. O sujeito-enunciador dirige/orienta o leitor para assumir a paráfrase escolhida por Bourdieu para explicar o implícito desse macro-ato-de-linguagem.

Em outros termos, (b) mostra como o eu-narrador (ou o eu-enunciador) se preocupa com o “tu” do sujeito-destinatário, o leitor. Este já está incluído nos ditos do “eu”, que a ele se dirige e antecipa a (possível) surpresa que ele, leitor, poderá ter ao ver que o célebre sociólogo francês não começa sua autoanálise como tantos outros já o fizeram ou fazem ainda, ou seja, pelo começo, pelos anos da infância. Não! O sujeito-enunciador quer logo fazer entender ao seu leitor que ele, Bourdieu, pensa e age metodologicamente como um bom sociólogo que, antes de tudo, examina os locais de sua formação na universidade francesa.

³ Tradução nossa do francês: “Comprendre, c’est comprendre d’abord le champ avec lequel et contre lequel on s’est fait. C’est pourquoi, au risque de surprendre un lecteur qui s’attend peut-être à me voir commencer par le commencement, c’est-à-dire par l’évocation de mes premières années et de l’univers social de mon enfance, je dois, en bonne méthode, examiner d’abord l’état du champ au moment où j’y suis entré, autour des années inquante.” (BOURDIEU, 2004, p.15)

⁴ Tradução nossa do francês: “La khâgne était le lieu où se produisait l’ambition intellectuelle à la française dans sa forme la élevée, c’est-à-dire philosophique.” (BOURDIEU, 2004, p. 17)

⁵ Tradução nossa do francês: “J’ai ainsi compris rétrospectivement que j’étais entré en sociologie et en ethnologie, pour une part, par un refus profond du point de vue scolastique, principe d’une hauteur, d’une distance sociale, dans laquelle je n’ai jamais pu me sentir à l’aise, et à laquelle prédispose sans doute le rapport au monde associé à certaines origines sociales.” (BOURDIEU, 2004, p. 59)

Em (c), é citado um nome de escola francesa de prestígio, pela qual passaram vários intelectuais: a famosa *Khâgne*. Trata-se de um curso preparatório destinado àqueles que visam a entrar nas mais famosas e prestigiadas universidades francesas. O ato de linguagem em questão reveste-se de uma linguagem nobre, mas isso é feito para dar lugar à crítica irônica que o sujeito-enunciador de Bourdieu faz da filosofia ou dos atos filosóficos. Assim, em (c), na primeira parte do enunciado temos: “A *khâgne* era o lugar produtor da ambição intelectual à moda francesa em sua forma mais grandiosa”. Ora, considerando apenas esta parte, poderíamos dizer que esse ato de linguagem é elogioso, no sentido positivo. Mas, em sua parte final, na qual Bourdieu afirma que *khâgne* era vista como a “forma mais grandiosa, isto é a filosófica”, vai apontar para duas conclusões de (c), como um todo: a primeira mostra como muitos franceses, pelo menos aqueles da época de Bourdieu estudante, concebiam os estudos da *Khâgne* e a segunda, reflete o pensamento de Bourdieu, para quem seria um grande exagero dar aos estudos filosóficos essa importância desmedida. Isso mostra o lado zombeteiro de Bourdieu ao discordar de uma opinião assumida pelo consenso geral e introduz a ironia em (c). Como ato de linguagem, (c) elogia para melhor atacar, no seu desfecho, o fechamento das mentes intelectuais em torno de uma única formação universitária.

Por aí podemos já enxergar o tom de revolta que perpassa por esse pequeno livro de Bourdieu. Revolta contra todos os poderosos que formam círculos fechados de pensamento, aos quais ele vai opor-se. Tal revolta se torna evidente em (d), quando o sujeito-enunciador anuncia ter se tornado mais sociólogo e etnólogo que propriamente o que esperavam dele: ser um grande filósofo. Neste ato de linguagem, o sujeito-enunciador denuncia ou renuncia mesmo à escolástica e faz aí menção, ainda que de forma sutil (ou implícita), às suas origens modestas.

Entre tantos outros, escolhemos esses três atos de linguagem, ou macro-atos-de-linguagem, pois eles mostram o percurso autoanalítico empreendido por Bourdieu e exposto por seu sujeito-enunciador. Sujeito este que, como já foi dito, não poupa o uso da ironia inserida em uma crítica sutil dirigida a certas instituições universitárias francesas. O termo “grandiosa” que se refere à formação filosófica, e que atravessa (d), perde seu esplendor ao entrar em contato com o sintagma

realista “distância social”, que acompanha tal elevação. Para um sociólogo como Bourdieu, no caso, tal incompatibilidade terminológica produz uma sutil crítica irônica.

Enfim, como afirma Charaudeau,

Um ato de linguagem [...] é fruto de uma *intencionalidade*, a dos sujeitos falantes, parceiros de uma troca. Ele depende, pois, da *identidade* destes, resulta de uma *visada de influência* e traz em si *um propósito sobre o mundo*. Além disso, ele se realiza em um dado tempo e espaço, determinando o que chamamos comumente de *uma situação*.⁶

O ato de linguagem da epígrafe comentada no outro segmento, a saber (a), bem como os atos (b), (c) e (d) revelam pois, a identidade de um sujeito-comunicante ao se comunicar por escrito, bem como sua intenção: ironizar pela crítica, ainda que de modo sutil, o mundo que o rodeava. Sem dúvida, tais atos só serão conhecidos/lidos/apreciados/compreendidos pelos admiradores de Bourdieu, ou seja, seus leitores, como aquela que vos escreve agora. Logo, ao propor tais descrições, estamos sendo o que o emissor do ato de linguagem espera que sejamos: seu destinatário real, seu sujeito-interpretante, segundo Charaudeau (1983).

Sem dúvida, tais atos de linguagem nos influenciaram positivamente, pois os tomamos para inserir como ilustração de um artigo dedicado à Semiologia. E sabemos que eles foram proferidos em uma determinada situação: a da autoanálise que Bourdieu se propôs fazer.

Se a entrada da crítica irônica em (a), (b), (c) e (d) representa algumas das consequências encaixadas nos atos de linguagem, uma outra pode também ser citada: a dos imaginários sociodiscursivos e culturais (CHARAUDEAU, 2005, p.143-187).

Nesse sentido, e simplificando bem, vemos que o sujeito-enunciador de Bourdieu em (a), (b), (c) e (d) mostra e tenta desmitificar um imaginário social e cultural bem francês e bem gravado nas mentes, sobretudo nas de sua época: o mito das grandes Escolas e que só os filósofos por elas formados seriam considerados como a parte mais importante da elite cultural francesa.

Na epígrafe nomeada com um (a), existe também um outro imaginário sociocultural ao qual Bourdieu se ataca: o do grande sucesso de venda geralmente obtido pelos autores de livros do gênero autobiográfico. Na verdade, mesmo hoje, há

⁶ Tradução nossa do francês: “Un acte de langage [...] relève d’une *intentionnalité*, celle des sujets parlants, partenaires d’un échange. Il dépend donc de l’*identité* de ceux-ci, résulte d’une *visée d’influence*, est porteur d’un *propos sur le monde*. De plus, il se réalise dans un temps et un espace donnés déterminant ce que l’on appelle banalement une *situation*.” (CHARAUDEAU, 1995, p.101)

leitores ingênuos, crédulos que pensam que toda autobiografia só contém a verdade sobre o indivíduo, espelhada em suas confissões. Sem pensar que a “verdade” construída por tal sujeito linguageiro é buscada nas lembranças e, por isso mesmo, é fatalmente reconstruída, recomposta pelos sujeitos-comunicantes/enunciadores autobiográficos.

Desse modo, o saber linguageiro constrói-se com uma soma de vários atos de linguagem, que trazem em si certas expectativas referentes a sua apreensão ou não pelo seu receptor ou pelos seus receptores. Segundo Charaudeau (1983, p. 19), cada ato resultaria das duas atividades linguageiras que o linguista classifica como “simbolização referencial” e “significação”. Elas contemplam simultaneamente um movimento exocêntrico e endocêntrico da linguagem, ou seja, sintetizando bem, um movimento que leva à semiotização do mundo e pode ser realizado por um sujeito individual ou coletivo.

No caso dos exemplos apresentados, vindos de Bourdieu (2004, p. 5, 15, 17 e 59), seu sujeito-enunciador visa a passar uma mensagem ao seu leitor, buscando, várias vezes, a aquiescência deste. Por isso vai incluí-lo naturalmente em (a), (b), (c) e (d). Em (b), tal sujeito faz mais que isso: ele nomeia o “outro”, o sujeito-destinatário de sua mensagem.

Algumas poucas palavras para concluir

Em uma teoria aparentemente simples como a Semiologia, há todo um mundo a se descobrir. Daí nossa simpatia por tal forma de analisar discursos, venham esses de onde vierem. O fato é que Charaudeau pensa também no não linguageiro (e não apenas no linguageiro): queremos dizer com isso que ele explica como todos nós, seres comunicantes, mantemos nossos projetos de palavra ou de escrita. Assim, isso nos permite visualizar Bourdieu, como sujeito escritor, ensaísta sociológico e ser profundamente crítico, enfim, como alguém que tem

[...] um determinado projeto de escritura e que, para concretizá-lo, organiza seu ato de linguagem, transformando-o em ato de escrita [...] ato este que é, por sua vez, dirigido a um leitor “imaginado” pelo escritor, leitor capaz de compreender o contrato [que lhe é proposto]. E esse eu-comunicante-escritor [no caso, sociólogo] obtém um certo prazer [lúdico] ao utilizar [nos atos em questão] diferentes contratos: os de confiança,

os de realidade, [...] (MACHADO, 2001, p. 39-62.)

Evidentemente, são tais contratos que regem a abertura e o encerramento do livro *Esquisse pour une Auto-analyse*, de Bourdieu. Lembremos ainda que, no final do supracitado livro, ele apresenta seu real objetivo:

E nada me tornaria mais feliz do que ter sido bem sucedido em minha tentativa de fazer com que alguns de meus leitores ou leitoras reconheçam suas experiências, suas dificuldades, suas interrogações, seus sofrimentos etc., nos meus e que eles obtenham, nessa identificação realista, que é exatamente o contrário de uma projeção exaltada, meios para fazer e para viver, um pouquinho melhor, o que vivem e fazem.⁷

Permitimo-nos aqui voltar a Charaudeau e ao que dele tentamos passar nesse artigo: no fundo, o que Bourdieu procurou nesse seu livro foi estabelecer um contato com o “outro”, seu leitor ou leitora, e procurar passar-lhes algo de si, ser compreendido, pelo modo da empatia. Se sentirmo-nos na pele de um autor, verificando que sua experiência tem algo a ver com a nossa, passamos a compreendê-lo melhor, em suma, aprendemos a chegar a este “outro”, mas não de modo superficial: no fundo é o que todos de nós buscamos. Senão por que escrever, comunicar?

REFERÊNCIAS

BAKHTINE, M. *La poétique de Dostoïevski*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale, 1*. Paris: Gallimard, 1966, p. 258-266.

BOURDIEU, P. *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Éditions Raisons d’Agir, 2004 [2001].

CHARAUDEAU, P. *Langage et Discours – Eléments de sémiolinguistique (Théorie et pratique)*. Paris: Hachette, 1983.

_____. *Le discours politique. Les masques du pouvoir*. Paris: Vuibert, 2005.

⁷ Tradução nossa do francês: “Et rien ne me rendrait plus heureux que d’avoir réussi à faire que certains de mes lecteurs ou lectrices reconnaissent leurs expériences, leurs difficultés, leurs interrogations, leurs souffrances, etc., dans les miennes et qu’ils tirent de cette identification réaliste, qui est tout à fait à l’opposé d’une projection exaltée, des moyens de faire et de vivre un tout peu mieux ce qu’ils vivent et ce qu’ils font.” (BOURDIEU, 2004, p.142)

CHARAUDEAU, P. Une analyse sémiolinguistique du discours. In: MAINGUENEAU, D. (direction) Les analyses du discours en France. *Langages*, mars 95, n. 117, p. 96-112.

MACHADO, I. L. Uma teoria de análise do discurso: a Semiologia. In: MARI, H. et al. (org.) *Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas*. Belo Horizonte: Coleção NAD, FALE/UFMG, 2001, p. 39-62.

_____. Algumas considerações sobre a Teoria Semiológica. In: MACHADO, I. L. et al. (org.) *Movimentos de um percurso em análise do discurso – Memória Acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG*. Belo Horizonte: Coleção NAD, FALE/UFMG, 2005, p.19-32.

_____. Fundamentos que organizam uma análise do discurso: o ato de linguagem e o sujeito da comunicação. In: MARCHIORI, M. (org.) *Linguagem e discurso*. Rio de Janeiro: Edição Senac, 2014, p. 75-94.

_____. *Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. Coimbra: Grácio Editor, 2016.

Abstract

The act of language according to semiolinguistics: implications, explanations, and practical applications

*In this article, we will comment on one of the important concepts of semiolinguistics, a theory created by the linguist P. Charaudeau, which we have used in various corpora for over 20 years. We will discuss what the theorist calls an act of language and its implications and practical applications. To this end, we will illustrate our comments with statements from the book *Esquisse pour une auto-analyse* (2004) by the sociologist Pierre Bourdieu. We chose the writings of this author because they are integrated, in a certain way, into our current research on discourse analysis and life narratives. Moreover, the discourse analysis proposed by Charaudeau has an interface with sociology. Our aim is to show how concepts from semiolinguistics are important and practical as they allow multiple interpretations of different writings.*

Keywords: *semiolinguistics; act of language; life narrative.*